

## **Estudos Gerais da Arrábida**

### **A DESCOLONIZAÇÃO PORTUGUESA**

#### **Depoimento do General Fabião<sup>1</sup> (11 de Abril de 2002).**

**Manuel de Lucena:** Começamos sempre por perguntar às pessoas como é que foram parar aos sítios. Com é que foi parar à Guiné?

**Coronel Fabião:** Eu vou falando devagarinho, e às vezes paro. Tudo isto, normalmente na nossa vida, são chamamentos que se têm. E fui chamado, rapazinho ainda, nasci em Alfama, sobre o Tejo e encantava-me ... A casa onde eu moro tem um jardim grande e esse jardim dava aspecto de floresta para as brincadeiras de garoto. E portanto, o chamamento florestal, digamos assim, o chamamento do rio que corre perto de minha casa, desde garoto que eu sei que ia sair e partir para o mundo à procura de .... Sobretudo naquela altura uma revista chamada *Papagaio* que começou a fazer as aventuras do *Tintim em África*, em Angola, e foi outro chamamento. Veio a guerra de 1939-1945 e a aviação teve um grande desenvolvimento e eu fiquei preso, com outro chamamento, pela aviação. Ainda fui aluno da Escola Superior Colonial e depois entrei para o Exército, para ir para a Aviação. Chumbei no exame médico, fiquei pendurado, já não saí da Escola do Exército. Escolhi a arma de Infantaria e fiz a minha carreira.

**Luis Salgado de Matos:** Quando é que vai para a Guiné?

**Coronel Fabião:** Entretanto, como tinha dito, tinha o chamamento africano. Logo que saiu uma ordem de serviço a dizer que se precisava de um alferes para a Guiné, eu ofereci-me. Como o Presidente da República ia visitar a Guiné daí a quinze dias, fui logo

---

<sup>1</sup> Carlos Fabião (n. 1930 - m. 2006): Oficial do Exército. Fez diversas comissões em Angola e na Guiné. Membro do Movimento dos Capitães, da Junta de Salvação Nacional e colaborador próximo do general Spínola. Último governador da Guiné.

aceite e mandado para a Guiné. Para receber lá o PR, só havia quinze oficiais naquela altura.

**Manuel de Lucena:** E isso foi por volta dos anos 50.

**Coronel Fabião:** 1955. Na Guiné estive até 14 de Março de 1961.

**Manuel de Lucena:** Em 1961 é a guerra em Angola e no ano seguinte, creio, começa na Guiné.

**Coronel Fabião:** Em 1961, em Angola. Então aconteceu-me isto: acabei a minha comissão na Guiné, devia acabar em Março de 1961, foi quando fui [...] a Luanda, portanto estive mais de um mês e, quando cheguei a Lisboa, fui mobilizado para Angola. Portanto, tive dois meses de intervalo entre a minha primeira comissão [na Guiné] e a segunda em Angola. Antes de vir para Angola ...

**Manuel de Lucena:** Foi logo dos primeiros.

**Coronel Fabião:** Sim, sim. Era o batalhão 132.

**Luís Salgado Matos:** Nessa altura, já devia ser capitão, não?

**Coronel Fabião:** Já era capitão. Aliás, na segunda parte da Guiné também já era capitão.

**Manuel de Lucena:** Então, em 1963, quando acabou a comissão de Angola, foi para a Guiné? Ou ainda veio cá estar uns tempos?

**Coronel Fabião:** Onde eu estive pouco tempo cá [à metrópole] foi, entre 1965 ...

**Manuel de Lucena:** Foi quando veio da primeira comissão na Guiné.

**Coronel Fabião:** Exactamente.

**Manuel de Lucena:** E a seguir foi para Angola, fez os dois anos em Angola.

**Coronel Fabião:** Não, foram vinte e sete meses em Angola.

**Manuel de Lucena:** Pois. E depois, esteve algum tempo em Portugal antes de ir para a Guiné outra vez.

**Coronel Fabião:** Estive um ano e tal.

**Manuel de Lucena:** Vai para a Guiné pela segunda vez em que ano?

**Coronel Fabião:** Em 1965, se não estou em erro.

**Carlos Gaspar:** Qual era a situação militar na Guiné, em 1965?

**Coronel Fabião:** Estava a ferro e fogo.

**Manuel de Lucena:** Em 1965, já?

**Coronel Fabião:** Não sei se foi 1964, se 1965.

**Manuel de Lucena:** Talvez 1964. Deve ter sido entre fins de 1964 e princípios de 1965.

**Coronel Fabião:** Por aí.

**Manuel de Lucena:** Dá 27 meses de um lado, mais um ano e picos do outro. Portanto, quando chega à Guiné, a situação já é muito má.

**Coronel Fabião:** Muito má.

**Manuel de Lucena:** Mas não tão má como nos últimos tempos. Nos últimos tempos, quando eles já tinham mísseis.

**Coronel Fabião:** Bem, mas naquela altura a situação era muito má. E aconteceu que nunca ninguém viu como se devia ter levado uma guerra daquele tipo. Eu quando cheguei à Guiné, havia entre os indivíduos que estavam na Guiné e os novos que iam, uma rivalidade estúpida: os que tinham já feito Angola, os que ainda não tinham feito Angola. E os que não tinham feito Angola rosnavam com os que tinham, porque tinham a mania de que [os outros] não sabiam, não sei quê e tal. Basta dizer que o Chefe de Estado-Maior, quando eu cheguei lá e me cumprimentou, perguntou: «Esteve em Angola?» E eu disse: «Estive». «Esqueça tudo o que aprendeu lá». E eu para mim disse: «Vou esquecer de certeza». Na Guiné, os conhecimentos que eu tinha de Angola... Fui promovido por distinção, levei uma medalha, a mais alta condecoração militar, tive louvores que nunca mais acabava. Por uma coisa: eu tinha aprendido a fazer a guerra em Angola porque a guerra é só uma. É que eles, quando estavam ali, estavam a inventar guerras.

**Manuel de Lucena:** Mas consistia em quê?

**Coronel Fabião:** Em tudo o que possa imaginar, é difícil dar exemplos.

**Luís Salgado Matos:** Desculpe interrompê-lo. Quem era o comandante-chefe?

**Coronel Fabião:** O comandante-chefe era o Schultz [general Arnaldo Schultz]. Depois acabou essa [comissão], vim embora, estive em Portugal e voltei para a Guiné.

**Manuel de Lucena:** E deve ter sido em 1968 ou 1969.

**Coronel Fabião:** 1968.

**Manuel de Lucena:** Foi antes ou depois de o Dr. Salazar ter caído da cadeira?

**Coronel Fabião:** Estava de licença cá, mas não fui eu que empurrei a cadeira.

**Manuel de Lucena:** Foi em 1968, depois?

**Coronel Fabião:** Eu estou até meados de 1970.

**Manuel de Lucena:** De licença cá?

**Coronel Fabião:** De comissão lá.

**Manuel de Lucena:** Portanto, vai ainda em 1968.

**Coronel Fabião:** Vou em 1968. Antes da queda da cadeira.

**Manuel de Lucena:** Antes da queda da cadeira. Mas parece-me que o senhor disse que estava cá de licença.

**Coronel Fabião:** Não estava de licença, estava colocado.

**Manuel de Lucena:** Estava colocado cá. A segunda vez que vai para a Guiné é depois da queda da cadeira.

**Coronel Fabião:** É.

**Manuel de Lucena:** E já lá está o general Spínola. Foi em Agosto de 1968.

**Coronel Fabião:** Não. Eu estava lá quando chegou o Spínola.

**Manuel de Lucena:** Pode ser que o Spínola tenha ido mais tarde, mas quem nomeia o Spínola para a Guiné ainda é o Dr. Salazar. O Spínola é enviado para a Guiné pelo Dr. Salazar. Pode só ter ido depois, mas não me parece.

**Coronel Fabião:** É difícil agora... Mas eu acho que fui em 1965, depois estive aqui. Vim de Angola em 1963, em 1965 volto para a Guiné. Estou até 1967.

**Manuel de Lucena:** Mas em 1968, está cá?

**Coronel Fabião:** Em 1968 estou cá. Em 1969 vou para lá, e em 1970 regresso.

**Manuel de Lucena:** Pois, aí há uma coisa que fica por esclarecer: como é que estava lá quando chegou o Spínola pela primeira vez. O Spínola não chegou a primeira vez em 1969, foi em 1968.

**Coronel Fabião:** Então, em 1968 eu já estaria lá.

**Manuel de Lucena:** Em 1968, já estaria lá.

**Coronel Fabião:** Sabe porque é que eu sei isso facilmente? É porque o Spínola chegou e deu uma volta à Guiné toda.

**Manuel de Lucena:** Em relação ao Schultz, o que é que mudou?

**Coronel Fabião:** Mudou tudo. Por exemplo, a parte mais importante para mim: a concepção da guerra. O Schultz, a guerra do Schultz e da maioria dos oficiais portugueses era voltar à situação que existia antes de começar a revolta. Isso dava como consequência que os indivíduos que tinham o azar de estar metidos numa zona onde só havia porrada, andavam dois anos à porrada. Os indivíduos que iam para um sítio onde não havia porrada, andavam dois anos a jogar às cartas e a fumar. O Spínola chegou e todo este sistema marchou, passou a dar missões possíveis às várias unidades. Mas eram coisas que eu podia fazer, não tinha de estar fechado no quartel. Portanto, ele criou logo essa concepção diferente. E aqueles tipos, quer civis, quer militares, de quem ele não gostava (e já ia avisado de cá, com certeza), esses mandou-os para a metrópole. Criou-se então nesse tempo uma expressão na Guiné: «levas um par de patins». Foi uma frase típica naquele tempo. Inclusivamente havia lá esta anedota. Mais ou menos foi isso. Mandou uma data de gente [embora] e deu missões possíveis.

**Luís Salgado de Matos:** Que missões eram?

**Coronel Fabião:** As missões eram isto: estar colocado na companhia tal, limpar o terreno, desde o ponto tal ao ponto tal, proteger os aviões que vêm e as colunas que andam no mato.

**Carlos Gaspar:** E onde é que estava a guerra concentrada, com maior intensidade?

**Coronel Fabião:** No Morés e lá em baixo no Cantanhês. O Sul estava todo perdido praticamente. Quitafine, o Sara Sarvoi eram as zonas piores. O Cantanhês e o Morés eram mais conhecidas.

**Manuel de Lucena:** E estar perdido, o que é que significava precisamente?

**Coronel Fabião:** Não ia lá ninguém. E então o Spínola deu missões possíveis. Nessas zonas onde não se podia ir, ele criou unidades de intervenção, tais como as milícias de minas, o Batalhão de Comandos Africanos, os Batalhões Metropolitanos de Comandos, que actuavam na zona onde não estava ninguém.

**Manuel de Lucena:** De maneira que nós não entrávamos, mas eles também não podiam estar seguros.

**Coronel Fabião:** Seguros não estavam de certeza, porque esta zona [...] foi uma zona de intervenção do comando-chefe. [...]. Ia lá o Spínola e dizia: «No dia tantos de tal, vamos a ...». Iam lá, era fácil. Quem viu o *Apocalypse Now* tem uma ideia de como são os ataques às aldeias, com a aqueles helicópteros todos. Nós utilizámos uma técnica diferente. Eles atacavam e depois faziam fogo para as colinas, onde [os inimigos] estavam abrigados. No filme. Nós, não: caía o poder dos jactos e dos helicópteros sobre a aldeia, bombardeávamos aquilo tudo e depois retirávamos e lançávamos os pára-quedistas.

**Carlos Gaspar:** Mas os pára-quedistas não ocupavam a aldeia.

**Coronel Fabião:** Eu disse pára-quedistas, podiam ser ...

**Carlos Gaspar:** Comandos.

**Coronel Fabião:** Comandos. Não, não ocupavam. Era para limpar.

**Carlos Gaspar:** E havia alguma área que tivesse profundidade ou eram zonas contíguas à fronteira?

**Coronel Fabião:** Não eram zonas muito contíguas à fronteira mas, de um modo geral, toda a Guiné está encostada à fronteira.

**Manuel de Lucena:** O senhor general Bettencourt Rodrigues disse que a grande diferença que notou de Angola para a Guiné é que o tamanho da Guiné mudava com as marés.

**Coronel Fabião:** Ele tem razão. Passa de 28 mil km<sup>2</sup> para 32 mil km<sup>2</sup>. Era duas vezes por dia.

**Luís Salgado de Matos:** Os fuzileiros também entravam nessas operações?

**Coronel Fabião:** Também. Os comandos eram as chamadas tropas de intervenção.

**Manuel de Lucena:** O senhor coronel, a certa altura, falou nas «minhas milícias». Pôs-me a pensar se há algo em relação às milícias.

**Coronel Fabião:** Fui eu que as organizei e que as criei, digamos assim. Havia milícias, mas o Spínola, a certa altura, quis ... Como disse há bocado, a maioria dos nossos camaradas, dos meus camaradas, a concepção que tinham de guerra era fazer a vontade ao António [Salazar] e repor a situação na mesma. Conclusão: aquilo não dava, realmente não dava. E era costume, quando uma tropa era rendida, fazer um discurso que terminava dizendo: «missão cumprida». Quando chegou lá o Schultz, ao primeiro que diz «missão cumprida», ele pergunta: «O senhor cumpriu alguma missão?» E dá um balde ao homem ... Mais ninguém disse que cumpriu a missão.

**Luís Salgado de Matos:** Foi o Schultz que disse isso?

**Coronel Fabião:** Não! O Spínola. Tem graça. No meio dessas coisas todas, eu era um dos meninos bonitos do Schultz e passei por o único que saiu incólume do Spínola.

**Manuel de Lucena:** Voltando às milícias, como é que as organizou? Quem eram exactamente?

**Coronel Fabião:** A concepção do Spínola era esta: as milícias tinham que ter uma ligação às populações a que pertenciam. Milícias, misturadas com tropa, para ele não dava. Portanto, a concepção de

milícia era diferente de tropa. A milícia era o homem duplamente empregue como guerreiro e como economista.

**Manuel de Lucena:** Administrador?

**Coronel Fabião:** Não, era o homem que defendia a tabanca e a aldeia e aquilo tudo e, ao mesmo tempo, nas horas vagas, produzia. Era lavrador, camponês, portanto, era um homem com dupla função: combatente e colono, para o desenvolvimento da terra. Viviam lá nas suas aldeias e defendiam-nas quando o inimigo atacava.

**Manuel de Lucena:** O inimigo atacava muito as aldeias?

**Coronel Fabião:** Um bocado.

**Manuel de Lucena:** Mas como represália por não serem seus partidários?

**Coronel Fabião:** Eu aí teria de estar a falar um bocado sem ter assente. Eu penso que eles se ligavam a nós e estavam connosco por uma razão muito simples. Naquele tempo a força estava connosco, o poder económico estava connosco. Quer dizer, eu nunca tive dificuldades de recrutar gente, recrutava a que quisesse. Por uma razão muito simples, é que o pouco que lhes pagava (e era pouco relativamente, eram 700\$00 por mês a cada um) era suficiente para eles viverem. Um dos falhanços do Spínola (falhanço relativo), foi que as milícias passaram a viver como combatentes. Irem com a enxada para o campo, não foram realmente, não precisavam. As mulheres deles ganhavam muitíssimo bem, muito mais que eles, porque eram as lavadeiras dos soldados. Cada um de nós tinha a sua lavadeira, para alguns a lavadeira tinha vários empregos e esse dinheiro da lavadeira e o dinheiro deles como milícias dava para viver com um nível de vida que nunca tinham tido, imagino eu. Portanto, quando o PAIGC ia lá cheirar, ia prejudicar... E eles defendiam-se bem.

**Manuel de Lucena:** Tomou logo conta das milícias nessa primeira comissão?

**Coronel Fabião:** Não, a primeira comissão que fiz ...



**Manuel de Lucena:** Não é a anterior à guerra. A primeira depois de a guerra começar.

**Coronel Fabião:** Depois da guerra começar, a primeira foi com o Schultz. Mas a terceira que fiz lá na Guiné, foi quando chegou o Spínola. Não conhecia o Spínola de sítio nenhum, e ainda por cima era um menino do Schultz. O comando-geral do Norte disse que o PAIGC tinha invadido a Guiné lá em cima [...]. E o Spínola monta uma operação: «Quem é que vai comandar isto? Dizem que há para aí um rapaz que foi promovido por distinção, quero ver o que é que ele vale». Aquilo correu bem, muito bem, as coisas correram muitíssimo bem e o Spínola nunca mais me largou. Convidou-me para ir para junto dele.

**Manuel de Lucena:** E da parte política, conversou muito com o Spínola? Das populações, Congressos do Povo, todas as ideias que ele tinha?

**Coronel Fabião:** Falava um bocadinho. O Spínola era neste aspecto uma pessoa extraordinária, porque abarcou tudo. Ele tinha a parte militar, com os respectivos chefes, tinha a parte económica, tinha a parte social com vários tipos de problema. A parte militar estava entregue à tropa, normalmente; a parte económica era o lavrador-soldado. Também não é invenção nossa, como se sabe. Os problemas sociais tinham dois aspectos: costume separar os do dia-a-dia de uma população, daqueles que já têm de se aprofundar um bocado, porque já metem assuntos de natureza etnográfica, digamos.

**Manuel de Lucena:** Problemas entre as várias etnias?

**Coronel Fabião:** Não, dentro de uma mesma etnia. [Procurava-se resolvê-los] agarrando os chefes tradicionais<sup>2</sup> e lixando aquilo tudo, porque eu ia buscar aqueles que eram sabujos e que me serviam. Os verdadeiros eram postos à distância para não criar perturbações. E então, o Spínola virou isto tudo. Eu tinha as milícias e tinha os casos

---

<sup>2</sup> Este texto entre parêntesis é tirado, com dúvidas, de uma passagem muito confusa da gravação.

complicados africanos. E então, sempre que havia um problema grave, a eleição do régulo ou a morte não sei de quem, o Spínola chamava-me e dizia-me assim: «Você que pensa como eles, vá lá e trate deste assunto». E depois, a parte gira, é que ia lá para tratar do assunto. Ah, ele dizia assim: «Telefona já para o aeroporto para preparar um avião e tal». E quando eu chegava, o meu amigo, o comandante da Base Aérea (foi um dos primeiros a morrer com os *Strela*<sup>3</sup>, era um tipo extraordinário), quando eu chegava lá, estava ele de mãos na cintura e dizia assim: «Chegou o meirinho de Sua Majestade».

**Manuel de Lucena:** E os Congressos do Povo?

**Coronel Fabião:** Os Congressos do Povo estão inseridos dentro da política social de que eu falei. [...]. Os Congressos do Povo tinham dois aspectos diferentes. Tinham uma parte que dizia respeito às etnias e outra parte às relações que havia em certo ponto. Isto é, uma área. Esta área tem por etnia os balantas, suponhamos, é a etnia marcante. Mas moram lá também fulas, moram lá mandingas, etc. Esses indivíduos constituíam outros grupos, portanto nos congressos, havia um congresso regional, de todo o pessoal que vivia na região, fosse qual fosse a etnia. E havia o nacional, só por etnias.

**Manuel de Lucena:** E pode dizer-me o que era o mais importante nesses congressos? Quais foram os sucessos, os insucessos? O que se pretendia?

**Coronel Fabião:** Eu não tinha cabimento nenhum nos congressos. Mas fundamentalmente eles iam para lá acertar ... Por exemplo, lembro-me que veio um delegado [...], um régulo, que era um bom régulo, era talvez dos régulos mais evoluídos que havia na Guiné. Foi ao congresso, eu conhecia-o e ele trabalhava comigo nas milícias. E eu disse-lhe: «Vocês agora têm sorte, já têm garantida a venda do

---

<sup>3</sup> Mísseis terra-ar fornecidos pela URSS ao PAIGC que, a partir de 1973 puseram aos aviões e helicópteros portugueses um sério problema.

produto». E ele disse assim: «Não, não é isso que é bom. Bom é que quem vai dar o preço do produto somos nós».

**Manuel de Lucena:** Mas o senhor, tendo estado fora desse assunto, vivia na Guiné e parece que essa política teve bastante sucesso, não teve? Ou porque é que falhou, quando é que deixou de ter?

**Coronel Fabião:** Eu penso que teve uma parte relativa de êxito, não lhe posso dizer que a 100%, mas uma parte importante de êxito e sobretudo começou a pôr aquela gente toda perante uma ideia que eles começaram até a aceitar, relativamente.

**Carlos Gaspar:** Qual era essa ideia?

**Coronel Fabião:** Era a concepção que eu estive a dizer agora, do regulado. O Spínola criou, lá na Guiné, uma maneira de estar em África, que eu considero que foi o mais extraordinário que ele fez, uma autêntica revolução na arte ... na arte não, na maneira de conduzir uma guerra daquelas, em que ele pela primeira vez (e que eu saiba, foi única até hoje) pôs a manobra militar subordinada à manobra política. Fez uma guerra política em que a manobra militar servia só de suporte. Por exemplo, com as aldeias estratégicas [ao contrário (?) das] de Moçambique, do Vietname, nós tínhamos um sucesso total. Vou já dizer porque é que sei que foi um sucesso total. [...]

**Carlos Gaspar:** Porque é que as aldeias estratégicas tiveram êxito total?

**Coronel Fabião:** Nessa altura, nós fizemos aquilo que ninguém fez. Fomos colocar as nossas aldeias junto às lavras. Eles normalmente fugiam delas porque ficavam a dez, quinze quilómetros. Mas chamava-se os chefes: «Onde é que querem a aldeia?», «Aqui e aqui». Pronto, era ali que ficava a aldeia. Um dia, eu e o Spínola íamos num helicóptero e o Spínola viu cá em baixo uma série de palhotas à volta das aldeias dele. «O que é aquilo ali?» Aterrou logo para saber o que era aquilo ali e veio o capitão e disse: «Isto era

gente que estava no mato. Vêm para aqui arranjar vaga». Não me diga que há prova melhor que esta.

**Manuel de Lucena:** Eu tinha a ideia de um certo sucesso, porque o major Sales Golias, que esteve na Guiné ...

**Coronel Fabião:** Esse é outro importante.

**Manuel de Lucena:** Foi nosso chefe, do Dr. Carlos Gaspar e meu, no Estado-Maior do Exército em 1975, e contou-nos que quando se deu a retracção do dispositivo na Guiné, em 1974, houve aldeias inteiras que seguiram durante quilómetros o Exército, porque não queriam que o Exército se viesse embora. Sinal de que havia alguma empatia. Até que ponto é que isso era um perigo político grande para o PAIGC?

**Coronel Fabião:** A grande maioria da população está onde está a força. Onde está a força, está o poder. E normalmente há aqueles que perseguem poder. Mas eu estou convencido de que historicamente não é possível (eu aprendi isso) ir contra os ventos da História. Aquilo estava condenado.

**Manuel de Lucena:** Se eu percebo - é muito interessante - acha que estava condenado não tanto por razões internas da Guiné, quanto pela situação internacional geral. Os ventos da História são um bocado isso, são o que prevalece à escala internacional.

**Coronel Fabião:** É assim: os ventos eram superiores às brisas que a gente soprava. No momento em que a gente tremesse, já se sabia o que ia acontecer.

**Manuel de Lucena:** Em que altura é que isso muda? Em que altura é que as populações começam a achar que o poder está mais do lado do PAIGC?

**Coronel Fabião:** Olhe, posso dizer. Foi na altura em que se deu o 25 de Abril em Portugal. Quando se deu o 25 de Abril, eles viram que tinha chegado o fim, já não havia mais ...

**Manuel de Lucena:** Mas antes do 25 de Abril, o sentimento comum era ...

**Coronel Fabião:** Que estava perdida a Guiné.

**Manuel de Lucena:** Mas isso era sabido por poucos, não?

**Coronel Fabião:** [Agora] a conversa fica aqui entre nós, não é verdade? [...] Até para o senhor [...] aquilo estava perdido e ele começou a atacar o Spínola [...]. Como se sabe, o 25 de Abril evitou um desastre militar na Guiné<sup>4</sup>.

**Manuel de Lucena:** Está a falar sobretudo do que aconteceu desde o aparecimento dos mísseis (em 1973).

**Coronel Fabião:** O aparecimento dos mísseis [terra-ar] é realmente um ponto - não salto esse - mas a gente esquece-se dos terra-terra, aparecidos dois anos antes. Na realidade o inimigo era a União Soviética (os tipos [do PAIGC] por si não teriam força): punha um peso na balança sempre que a gente punha um [travão?] - se isto desequilibrava aqui, eles carregavam ali. [...] A descolonização de África era para ser feita com a mudança de regime em Portugal, portanto jogavam em bloco para fazer cair o Governo português. Não estavam interessados em ganhar a guerra naquele instante, nem em perdê-la, portanto havia um equilíbrio de forças permanente. Para isso tinham de os ir alimentando, com o melhor armamento - quando a gente melhorava um bocadinho, eles [punham mais um peso na balança].

**Manuel de Lucena:** Nesse quadro é que começa a nascer na Guiné o movimento entre os oficiais?

**Coronel Fabião:** O movimento entre os oficiais já vem de longe. Nós tivemos, na Guiné, uma meia vitória na mão. Simplesmente o Marcello Caetano perdeu e ele é responsável por isso.

**Manuel de Lucena:** Refere-se às negociações entre o Spínola e o Amílcar Cabral?

**Coronel Fabião:** Bom, o Spínola, ao contrário do que muita gente pensa, não era tão analfabeto como isso, antes pelo contrário, lia bastante e reflectia sobre as coisas. Paralelamente, incitava os seus

---

<sup>4</sup> Na presente transcrição são eliminados (v. os três parêntesis rectos) os passos cuja não publicação foi pedida pelo e garantida ao Coronel Fabião.

subordinados [...]. Mas, ele começou a apaixonar-se pelo Senghor. E o Senghor começou a apaixonar-se pelo Spínola, por uma questão de ... Não tenho a certeza disto, mas julgo que é assim: o Senghor fez, como sabem, uma independência acelerada no Senegal. O Senghor desejava levar mais tempo a fazer a descolonização do Senegal. Mas as populações com a pressão não o permitiram e ele viu-se obrigado a apressar a descolonização. O Spínola leu esses livros e começou a botar doutrina dele com parte daquilo que tinham proibido ao Senghor. O Senghor, quando viu um general, que veio para África «a dizer aquilo que eu penso ...». Um inspector da PIDE entrou em contacto com uns indivíduos do Senegal, que entraram em contacto com o Amílcar Cabral e estabeleceram um acordo, ou por outra, estudaram um acordo [...]. O Amílcar Cabral, por intermédio do Senghor, disse logo que sim às condições que queria. [Houve umas] reuniões no Senegal, numa instalação do [...]. Foi ali que reunimos. Fomos lá, o Spínola, o Nunes Barata, eu, o homem da PIDE e mais ...

**Manuel de Lucena:** Mas isso já depois do 25 de Abril?

**Coronel Fabião:** Não, foi antes.

**Manuel de Lucena:** Antes, com o Nunes Barata [do Ministério dos Estrangeiros]?

**Coronel Fabião:** Era capitão miliciano e foi importante no meio disto tudo: deu sempre um toque de legalidade ao que se fazia. Era funcionário de carreira, secretário de embaixada na altura. Preparou as coisas e deu um toque do profissional. A questão ficou mais ou menos acordada.

**Manuel de Lucena:** Mas o acordo do Spínola com o Amílcar Cabral, em que é que consistia exactamente?

**Carlos Fabião:** Acordo não, uma proposta de acordo.

**Manuel de Lucena:** Ah, era uma proposta de acordo. Dos dois lados as posições não eram absolutamente coincidentes, havia uma margem ...

**Coronel Fabião:** Olhe, nós não sabíamos [...]. O Senghor apresentou esta ideia: a descolonização em dez anos; cessar-fogo imediato; discussão entre duas delegações, uma de cada lado, sem haver nada negado *a priori*.

**Manuel de Lucena:** E essa proposta era aceite pelo Amílcar?

**Coronel Fabião:** Vinha do Senghor com o *agrément* do Amílcar. O Senghor ia ao Brasil naquele fim-de-semana. E ia falar com o presidente do Brasil nisto: tinha dito ao Spínola que neste projecto se podia incluir o Brasil também. Depois, o João [Nunes Barata] disse assim: «Eu não acredito nisso. O Governo de Portugal não vai aceitar». [...] Marcou-se nova reunião, lá fomos novamente ao Senegal. Não. Vai o Spínola a Lisboa e o Marcello Caetano proibiu imediatamente qualquer ligação mais com o PAIGC. O Spínola ficou assim um bocado ... Ah, e depois [o Marcello disse] que na Guiné aceitava uma derrota militar, nunca uma cedência política. O Spínola estremeceu e o Marcello disse: «Eu compreendo, senhor general que, como militar, se sinta magoado. E o Spínola disse: «Não é como militar, é como português». [...] O Spínola escreveu-lhe uma carta em que se queixava. Tem ele essa carta.

**Manuel de Lucena:** Qual é, no tempo, a ligação entre isso e o episódio dos majores que foram mortos?<sup>5</sup>

**Coronel Fabião:** [O episódio dos] majores é muito tempo antes. Nessa altura estava eu em Lisboa, num intervalo entre duas comissões. Quando eu cheguei à Guiné, o Firmino Miguel ... Eu e o Firmino Miguel éramos muito amigos. Logo que eu cheguei lá, o Miguel contou-me tudo. [...]

**Carlos Gaspar:** E o movimento dos oficiais, como é começou a ter ...

**Coronel Fabião:** Bem, na Guiné, a conspiração era livre. [...]

**Carlos Gaspar:** O Spínola chega em 1968.

---

<sup>5</sup> Referência aos três majores (Passos Ramos, Magalhães Osório e Pereira da Silva) que, em 20 de Abril de 1970, tendo sido enviados pelo general Spínola a um encontro secreto com elementos do PAIGC, foram assassinados no decorrer dessa missão.

**Manuel de Lucena:** É nomeado em Agosto.

**Carlos Gaspar:** O senhor coronel já lá está. Ficou até Janeiro de 1970. Nesse período em que estive na Guiné pela terceira vez, segunda [em tempo] de guerra ...

**Coronel Fabião:** Não, a primeira de guerra na Guiné foi a que eu fui cumprir quando cheguei. A segunda foi [aquela em] que chegou o general Spínola, e a terceira foi onde eu tive as milícias e os Congressos do Povo.

**Carlos Gaspar:** Exactamente. Na sua terceira comissão militar na Guiné, entre 1968 e 1970, já se conspirava muito? Ou só na última?

**Coronel Fabião:** Aquilo começa da seguinte maneira ...

**Manuel de Lucena:** Só para voltar um bocadinho atrás. É que essas conversas com o Senghor não são entre 1968 e 1970. O Marcello Caetano trava tudo lá mais para 1972, 1973.

**Coronel Fabião:** O importante é que a certa altura o Spínola começa a receber cartas de indivíduos como o general Câmara Pina, por exemplo, com quem ele não tinha ligações. E essas cartas apelavam a um retorno à bandeira. E a gente soube que o retorno à bandeira era o retorno aos ideais do 28 de Maio. O Spínola chamou-nos e disse assim: «Estou a receber estas cartas; isto é estranhíssimo porque eu não me dou com esta gente e eles estão a acenar com o retorno à bandeira». E nessa altura, o Spínola chamou-me e disse assim: «Passa-se isto assim, assim. Vocês ponham-se a pau e vejam o que é que está para acontecer». Consequência disto, e para mim é o ponto, foi o Congresso dos Combatentes. Vimos que ia haver o Congresso dos Combatentes. Cheirou-nos mal e viemos perguntar ao Spínola. Havia muitos que já tinham acabado a comissão e que estavam em Lisboa e foram investigar, com o Spínola do lado de lá, na Guiné, e há uma cena giríssima – só neste país – em que estamos uns oito reunidos (o Firmino Miguel, o Baptista, eu, o António Ramos, o Bruno), fomos tratar deste assunto e fomos almoçar ao Leão d'Ouro. E numa mesa lá de baixo, senta-se o organizador do Congresso, que



era o major Arnaut Pombeiro, que era deputado, e a seguir um outro, que já não me lembro o nome, e a gente comeu ali. O Congresso e o contra-Congresso comeram ali. Ah, a gente entretanto faz e circula um papel, a dizer que não tem nada a ver com o Congresso dos Combatentes, e aquilo começa a ter uma repercussão enorme, houve um grande movimento, o ministro proibiu a presença de oficiais do quadro permanente no Congresso, nós conseguimos que o *Expresso*, o *Diário de Lisboa* e o *República* publicassem isso. O Eanes foi muito importante nisto, no sentido de acalmar; só que não podia acalmar – tinham dado aquilo a assinar ao Vasco Lourenço e ele nunca mais se calou. Essa é que é a verdade. Falou, falou, mexeu-se, andou pelas unidades. Eu, a certa altura, disse-lhe: «Quando quiserem dar tiros, digam onde é e a que horas, que eu estou lá». Saí porta fora - já estava chateado. E o Vasco veio ter comigo e disse: «Eu também quero mudar isto, mas sinto que vai ser este documento que vai virar isto tudo». E ele tinha razão. Já havia interesses de ordem económica e de ordem militar, já não era só um vector – havia outros importantes.

**Luís Salgado de Matos:** Podia falar um bocadinho mais dessas cartas com o apelo para o retorno da bandeira?

**Coronel Fabião:** Não tenho mais informação. Sei que o Câmara Pina era um deles, foi a única [carta] que eu vi.

**Luís Salgado de Matos:** E é anterior ao Congresso dos Combatentes?

**Coronel Fabião:** É. Aquilo é o antecedente do Congresso. Ao retorno à bandeira, seguiu-se o Congresso. Ainda me lembro de alguns slogans do Congresso: «As Pátrias não se discutem, defendem-se», «Alerta, há inimigos escondidos no Altar de Deus», «Ninguém aprova o desmembramento do seu corpo. Portugal também não». Aquilo meteu muito dinheiro, mandaram para todos os militares que tinham estado na guerra um envelope com uma data de papelada lá dentro, do estilo: «Há quantos anos não vês o teu amigo do pelotão, com

quem passaste em África as melhores horas da tua vida?» «Vai ao almoço no Porto».

**Manuel de Lucena:** E depois, como é que nasce o MFA, na Guiné?

**Coronel Fabião:** Já lá não estava. [...]

**Manuel de Lucena:** Nós falámos com o general Mateus da Silva, com o José Manuel Barroso.

**Coronel Fabião:** Qualquer deles.

**Manuel de Lucena:** Há uma ideia, aliás há um livro que defende essa tese, de um jurista do Tribunal Constitucional, que estudou a descolonização na Guiné – o António Duarte Silva – e que diz que o modelo de descolonização portuguesa foi determinado pelo MFA da Guiné<sup>6</sup>. Isso já depois do 25 de Abril em reuniões de oficiais, enquanto decorriam as negociações com o PAIGC e no ultimato que terá sido dado a Lisboa [exigindo] o reconhecimento imediato da independência da Guiné, já reconhecida por muitos países e a aceitação das principais reivindicações do PAIGC. Nessa altura, o senhor coronel já estava lá outra vez.

**Coronel Fabião:** Era Governador. Um dos indivíduos importantes nessa parte de que está a falar foi o Barros Moura, que era meu secretário. Conseguiu controlar um batalhão inteiro e, como era um tipo que escrevia muito bem, escreveu uns papéis e um deles sossegou o PAIGC [inicialmente muito desconfiado não só de Spínola como do próprio MFA<sup>7</sup>].

**Manuel de Lucena:** Na famosa reunião do dia 8 de Agosto de 1974, que é uma reunião em Bissau, em que se diz que participaram várias centenas de oficiais, estava a decorrer em Argel a negociação, que se fechou no fim do mês.

---

<sup>6</sup> António Duarte Silva, *A independência da Guiné-Bissau e a descolonização portuguesa* (ed. Afrontamento: Porto, 1997). À data deste painel ainda não tinha sido publicado, mas o interlocutor já o lera.

<sup>7</sup> Este é o sentido que, apesar da sua má qualidade, se extrai com bastante certeza da correspondente gravação.

**Coronel Fabião:** 8 de Agosto – já tínhamos aceite as condições. O que houve foi que, em 17 de Julho, se não me engano, saiu aquele documento, veio cá o secretário-geral da ONU. Lembram-se? Aquele documento das descolonizações todas: descolonização na Guiné, Cabo Verde, São Tomé, Angola.

**Manuel de Lucena:** Há um grande plenário em Bissau, que é um plenário que força a aceitação dessas condições.

**Coronel Fabião:** Esse foi o plenário que me encostou à parede. Aquilo começa num documento que foi feito por um rapaz, e teve o nome de «Documento Engrácia Antunes e foi o Hugo dos Santos que andou a recolher assinaturas pelo país inteiro.

**Manuel de Lucena:** Na Guiné?

**Coronel Fabião:** Não, cá e lá, em todo o país. E eu fui logo um dos que caiu ao comprido. O Hugo dos Santos (eu era amigo dele, e agora sou assim-assim) diz-me: «Assina-me esse papel». E eu nem olhei, assinei o papel. À noite, [...]: «Foste tu que assinaste? Então, vais ver». E então foi quando se pediu esse tal plenário.

**Manuel de Lucena:** E esse documento o que é que dizia, em substância?

**Coronel Fabião:** Mais ou menos, dizia que o MFA tinha terminado a sua função, que ia voltar para os quartéis. A ideia era esta. Entregava-se aquilo ao poder [político] e o poder agora que tratasse disso que a gente ia para os quartéis. «Acabou a guerra». Depois, o Hugo andou pelas unidades a recolher assinaturas. Eu caí, o Costa Gomes também assinou, o Fisher Lopes Pires assinou. Aquilo era posto desta maneira.

**Manuel de Lucena:** Voltando outra vez um bocadinho atrás. Está na Guiné de 1968 a 1970, vem para cá e está cá até quando?

**Coronel Fabião:** Estou cá até 1971.

**Manuel de Lucena:** E em 1971?

**Coronel Fabião:** Guiné com ele! Porque a partir daí, passa-se o seguinte: o Spínola disse que não nos ia pedir que desistíssemos. Não

nos ia pedir que voltássemos para a Guiné, ter com ele. Portanto, quando um de nós fosse mobilizado, trocava com um que estivesse para ir para a Guiné, e íamos nós. Portanto, eu em 1971, o Robin de Andrade telefonou-me para ir e eu disse: «Olha, fui avisado pelo Lopes Guerra de que fui mobilizado para a Guiné [...]. E quando cheguei lá, foi quando o Spínola me disse: «Olha, eu quero assim, assim. Quero um corpo de milícias, deste estilo». Eu fiquei a olhar para ele.

**Manuel de Lucena:** Milícias, em 1971? Mas em 1968-1970 também já tinha tido algum trabalho com milícias, ou não?

**Coronel Fabião:** Não, andavam por lá, desgarradas.

**Manuel de Lucena:** O Spínola só em 1971 é que lançou a sério as milícias?

**Coronel Fabião:** Porque depois ele passou a fazer isto: eu arranjava-lhe aquela tropa, que era uma tropa fandanga, realmente era. E [...] aqui está um outro grande triunfo do Spínola. O Spínola vai buscar milícias que fundou e vai com elas ocupar postos que estão ocupados pelo Exército português. Os pontos mais sensíveis estão ocupados pelo Exército português. Ele diz-me: «Vê se consegues arranjar milícias para [...]».» E assim aconteceu de facto. Eu consegui, realmente, arranjar tropas e as unidades de milícias passaram a ir ocupar os postos do Exército português. [...] e assim ele conseguiu fazer uma arrancada no Sul e reocupar algumas áreas. Mas nessa altura já a gente sabia que estava tudo perdido, porque já o Marcello tinha dito que não.

**Luís Salgado de Matos:** Já havia tropas de milícias antes dessas?

**Coronel Fabião:** Com certeza que havia.

**Luís Salgado Matos:** Há alguma relação entre as suas milícias e as milícias anteriores?

**Coronel Fabião:** Foram incorporadas as anteriores nas novas [...].

**Luís Salgado de Matos:** E as antigas milícias adaptaram-se bem ao novo [sistema]?

**Coronel Fabião:** Adaptaram. O velho era praticamente só de fulas. A Guiné foi pacificada em 1914, 1915, e as tropas utilizadas foram milícias fulas. Eu ainda falei com alguns combatentes fulas de 1914 e eles diziam: «É a velha filosofia da caminheira, não tem que saber». Eles, quando havia um levantamento ou uma guerra a fazer, vinham duas caminheiras [camionetas], uma só para mandingas e outra para [fulas?]. Há um termo qualquer que significa «banda», ou coisa do género. Metiam os fulas lá para dentro, eles vinham por ali acima e eram despejados já na área que estava revoltada e faziam eles a guerra. Essa gente ainda existia algures. Nós o que quisemos foi fazer isso com balantas, mandingas e outros que não tinham nada a ver connosco [...]. Aceitaram ser integrados, e foram muito bem.

**Manuel de Lucena:** Portanto, as milícias viviam no seio das populações. Mas Spínola também fez comandos especiais negros.

**Carlos Fabião:** Sim, sim, mas esses comandos é uma coisa à parte. Tropas africanas havia: primeiro a guarnição normal, eram quatro companhias de caçadores. Tudo o resto era reforço. Tínhamos quatro companhias de caçadores normais. Tínhamos dois batalhões de comandos africanos, tínhamos uma bateria de artilharia.

**Manuel de Lucena:** Os dois batalhões de comandos africanos eram tropa especial?

**Coronel Fabião:** Tropa especial. E então havia uma outra tropa muito mais especial, que eram gajos que combatiam à paisana e em grupos muito pequeninos, comandados pelo Marcelino da Mata, de quem eu sou muito amigo. O Marcelino da Mata, que era um guerreiro como eu nunca vi, pegava em quinze homens e ia com eles. Estava aqui um acampamento, e a gente dizia assim: «Vocês vão ser lançados aqui, destroem o acampamento e fogem para ali. Ali estão os helicópteros a recolher. Quem não chegar, não chegou». O Marcelino ia com os seus homens, desembarcavam aqui, entravam por aqui, limpavam isto tudo, depois iam para ali, os helicópteros iam chegando. Esta era a tropa especial para acções especialíssimas. Iam

à República da Guiné com a maior facilidade, como um tipo vai aqui à esquina beber café.

**Luís Salgado Matos:** A logística dessa tropa era a dos comandos africanos?

**Carlos Fabião:** Era. Havia um posto de comando que orientava aquilo tudo, que era o Marcelino da Mata. Não. Era o Almeida Bruno e o António Ramos. Depois, eram as tropas especiais, eram companhias de caçadores com indivíduos vindos da metrópole. Depois o Spínola, a certa altura, criou uma coisa formidável: não havia capitães, acabaram os capitães. Começaram a mobilizar os alferes milicianos com maior estaleca para comandantes de companhia. [...] Eu tive uma vez uma companhia desses fulanos, comandada por um alferes e o nosso amigo alferes portou-se muito bem. Quando chegou foi promovido a capitão pelo Spínola.

**Carlos Gaspar:** Esses comandos, essas forças especiais participaram na operação em Conakry?

**Coronel Fabião:** Esqueci-me de dizer aqui uma coisa. O Spínola é militar, o Spínola tenta de todas as maneiras a vitória militar, e faz estas coisas com os africanos quando vê que não tem capacidade de ganhar de outra maneira. O Mar Verde, que é a ida a Conakry, é uma hipótese que ele tem de ganhar a guerra; portanto, ele fá-la, não hesita. Ele realmente é um homem que está acostado noutros esquemas, mas é um militar acima de tudo. Não nega a vitória militar, se a conseguisse, até porque era um chefe extraordinário, não consigo compreender. Até hoje ninguém conseguiu ... a não ser a Inglaterra, na Malásia.

**Luís Salgado Matos:** E o que é que correu mal na Operação Mar Verde?

**Coronel Fabião:** [...] os MIGs não estavam no seu lugar. E quando a tropa entrou no aeroporto [de Conakry] não havia MIG nenhum. O comandante da operação, o Alpoim Calvão tinha poucas horas para sair fora do alcance dos MIGs. [...] Uma das missões, talvez das mais

importantes, era destruir os MIGs. Todas as operações que estavam planeadas se apoiavam na destruição dos MIGs. Com um MIG no ar, não havia hipótese nenhuma. O ataque era para ser feito de noite. De manhã, quando rompesse o Sol, os MIGs iam para o ar.

**Luís Salgado de Matos:** Foi posta alguma vez a questão de haver um traidor nas nossas tropas que fizeram essa operação?

**Coronel Fabião:** Não, mas houve um caso muito mais giro.

**Luís Salgado de Matos:** Não averiguaram isso nunca? Porque, quem vê de fora dá a impressão de que pura e simplesmente fomos traídos.

**Coronel Fabião:** Junto a isto outra coisa. A grande culpada disto foi a PIDE, que todas as informações que nos deu eram falsas. Eram de uma incompetência! Tudo o que nos disseram estava errado. O Amílcar Cabral não estava na casa, o Sekou Touré não estava na casa, o edifício onde ia falar o locutor não estava em condições.

**Luís Salgado de Matos:** Pois, as informações eram todas falsas. O que é esquisito é que quem faz a operação não tenha feito o *acessement* da *intelligence*, na base da qual estava a informação errada. Ou então era alguém por trás que conhecia o plano de operações.

**Coronel Fabião:** Eu vou mais para a incompetência.

**Luís Salgado de Matos:** Mas não fizeram nenhuma averiguação?

**Coronel Fabião:** Penso que não. A coisa mais extraordinária daquilo foi um africano que ficou em terra (aliás, ficaram em terra vários), quando viu as lanchas irem-se embora, atirou-se ao mar e foi nadando, nadando, nadando... Foi apanhado a meio caminho por um navio grego, trouxeram-no, largaram-no numa terra e ele meteu-se noutra barco e voltou à Guiné.

**Luís Salgado de Matos:** Voltando um bocadinho atrás, às novas companhias de milícias africanas. Eles viviam isolados? Numa dada aldeia, havia uma secção, havia um grupo, havia só um? Como é que

era a organização. E como é que era a cadeia de comando militar, digamos, para eles?

**Coronel Fabião:** A cadeia de comando deles era um grupo, uma companhia e chega. Em cada aldeia havia, em princípio, um grupo de milícias. Quando a situação era muito má, pedia-se uma companhia de milícias. Quem comandava o grupo era o comandante militar da área, quem comandava a companhia era o comandante da companhia. Na parte final, a certa altura, começámos a ter uns rendimentos tão grandes, digamos, uma série de resultados tão bons, que o Spínola criou grupos especiais de milícias, poucos, três ou quatro, que fizeram um jeito.

**Luís Salgado de Matos:** O que eram esses grupos especiais de milícias?

**Coronel Fabião:** Eram as milícias *vulgares de Lineu*, simplesmente não tinham outra função, nem de tomar conta da tabanca, nem de plantar a terra. Estavam ali para fazer golpes de mão, assaltos, coisas desse estilo.

**Luís Salgado de Matos:** Porque é que fixaram os salários dos milícias em 700\$00? Era uma enormidade, para a época. Um professor de liceu, na altura, ganhava 900\$00, quando começava cá em Portugal. 700\$00 não era nada mau. Quem é que teve a ideia dos 700\$00?

**Coronel Fabião:** Isso eu não sei dizer. Não faço a mínima ideia. Eu pensava que era pouco, está a ver.

**Luís Salgado de Matos:** Pode ser o meu lado financeiro; eu acho que os ordenados são sempre muito altos.

**Coronel Fabião:** [...] O Spínola tinha uma noção nova de justiça. Por exemplo, estava a lembrar-me de uma coisa que aprendi com ele. Ele dizia ... Houve uma vez uma sessão, um grupo de futebol, aquilo acabou à lambada. Houve tiros, morreram dois ou três [policías]. E o Spínola perdeu a cabeça e disse-me: «Você não percebeu ainda que a polícia foi feita para levar porrada? A polícia é para levar porrada,



mais nada. A tropa? A tropa nunca pode levar porrada! A tropa representa a nação, não pode levar porrada. Porrada leva a polícia!»

*Risos de todos os presentes.*

**Manuel de Lucena:** Essa é ótima! E com isso tudo, em que grau estava a popularidade do Spínola na Guiné?

**Coronel Fabião:** Depende de quem. Junto de mim era muito boa. Junto de muitos oficiais, como não era delicado e dizia logo na cara de um tipo aquilo que pensava, não tinha grandes amigos.

**Luís Salgado de Matos:** A Marinha não gostava muito dele. E vice-versa.

**Manuel de Lucena:** O general Bettencourt Rodrigues disse-me uma vez que tinha as mais vastas dúvidas sobre isso da popularidade do general Spínola na Guiné e estava a falar das populações. Um grande chefe, mas ...

**Coronel Fabião:** O Caco Baldé!<sup>8</sup>

**Manuel de Lucena:** O major Golias, a mim, deu-me ideia, no Estado Maior do Exército, quando o Carlos e eu éramos lá oficiais, que, depois do 25 de Abril, ele ainda era muito popular e não podia ir à Guiné, porque se o deixavam ir havia um grande sarilho. A certa altura, pessoas que estavam bastante ligadas a ele, como o senhor coronel e o major Hugo dos Santos, também disseram que ele não podia ir.

**Coronel Fabião:** O PAIGC disse que começava a guerra imediatamente se ele fosse à Guiné. E eu dei toda a razão ao PAIGC, disse ao Spínola que não podia ir. Porque eles diziam: «O general Spínola perdeu a guerra e quer ganhá-la, porque quer vir à Guiné». Isso era o que o Spínola queria, porque mo disse a mim: «Você organiza aí um Congresso do Povo e nesse congresso eu vou dar a independência à Guiné». O PAIGC dizia assim: «O senhor general

---

<sup>8</sup> Alusão irónica ao monónimo (caco ...) do general e ao apelido mais comum na Guiné (Baldé), como se fosse «Silva».

perdeu a guerra – quer agora vir magnanimemente oferecer-nos a Guiné».

**Manuel de Lucena:** Como é que isso se passou exactamente? Há uma série de coisas: há a reunião [de oficiais na Guiné]; há uma série de movimentações cá; a certa altura há o famoso plenário na Manutenção Militar. Como é que isso se passa? A seguir ao 25 de Abril, o Spínola é Presidente da República. E o senhor coronel é Governador da Guiné.

**Coronel Fabião:** Primeiro, tive uma importância muito maior que essa. A seguir ao 25 de Abril, nessa altura, o Senghor, que está em Paris em trânsito para a China (ele vai visitar oficialmente a China), manda dizer ao Spínola para mandar um emissário a Paris falar com ele. E Spínola, que já me tinha debaixo de olho, disse-me a mim e ao Nunes Barata: «Vocês vão». O Nunes Barata ia para o tal toque de competência. Aquilo só me dizia respeito a mim, mas quem falou foi só o Nunes Barata. Nós fomos a Paris e o Senghor recebeu-nos lá e disse-nos que disséssemos ao Spínola que o projecto dele (Senghor) estava ultrapassado, já tinha dois anos e, portanto, não tinha já ponta por onde se lhe pegar. Que ele, Senghor, estava disposto a dar uma ajuda a Portugal, na descolonização. Sobretudo nas descolonizações de Angola e Moçambique, que iam ser muito complicadas. Eu perguntei-lhe quem é que tinha morto o Amílcar Cabral. E ele disse-me: «Tenho provas irrefutáveis de que foi o Sekou Touré». Ele disse: «Diga lá ao senhor general que é urgentíssimo que ele dê a independência à Guiné, porque se dá a independência da Guiné agora, já, a OUA fica-lhe extraordinariamente agradecida e dá-lhe abrigo em negociações com ele, que hão-de surgir mais tarde, de peito feito porque acredita na sinceridade dele». Quando eu cheguei a Lisboa e contei ao Spínola, sabe o que ele respondeu? «O gajo está ultrapassado, não é nada disso».

**Manuel de Lucena:** Foi o que saiu dessa reunião em Paris? Ou houve mais coisas?

**Coronel Fabião:** Não houve mais nada.

**Manuel de Lucena:** Voltando agora atrás. Eu ia entrar por esse lado quando o senhor coronel falou do recado do Senghor acerca da morte do Amílcar Cabral. O que é que o senhor, pelo seu lado, antes de falar com o Senghor, o que é que pensava, ou o que é que sabia da morte do Amílcar?

**Coronel Fabião:** Como sabe, a morte do Amílcar foi especialmente sentida pelos oficiais do Exército português, pelos oficiais com um mínimo de testa. Como sabem, no meio daquela gente, há uma mistura muito grande, há os que pensavam ganhar a guerra amanhã. A maioria dos oficiais sentiu profundamente a morte do Amílcar. O Amílcar teve sempre uma linguagem que é extraordinariamente grata aos militares: «A guerra não é com Portugal», «Os portugueses são tão desgraçados como nós», «A independência que a gente há-de ter, há-de ser para eles e para nós». [E diziam:] «Ele tem razão». Nisso, era extraordinariamente querido. Eu tentei averiguar...

**Manuel de Lucena:** Estava lá?

**Coronel Fabião:** Estava. Foi em Janeiro de 1973. Estava lá muita gente. O Alpoim Calvão foi passar aquele Natal. Estava lá quando foi a morte do Amílcar. Eu penso que, naturalmente, pode ter sido de um lado e do outro, quer dizer, pode ter sido planeada e feita pelo ... Ah, agora aqui há uma questão, desculpe. Eu sempre disse, e continuo a dizer, que no dia em que o Marcello [proibiu] a continuação da nossa discussão com o Amílcar Cabral, assinou a sua sentença de morte. Porque havia muita gente no PAIGC que não tinha concordado com o que ele fez, com as conversações com o Governo português. E a gente sabia que ele estava numa situação até certo ponto ingrata, dentro do [seu] próprio partido. Portanto, eu penso que o próprio partido o pode ter liquidado. A União Soviética pode ter mandado liquidá-lo, porque ele fugiu ao acordo, que havia entre eles todos, de fazerem a independência todos ao mesmo tempo. Portanto, ficou descalço.

**Manuel de Lucena:** E a hipótese de ter sido fruto das divergências entre guinéus e cabo-verdianos?

**Coronel Fabião:** É outra hipótese. Tudo são hipóteses. Por exemplo, sei que na versão oficial do PAIGC foi o Rafael Barbosa que o matou. O Barbosa tem muitas hipóteses de ter sido, porque era um homem que estava preso no Tarrafal e puseram-no na Guiné, e estava na Guiné quando mataram o Amílcar. Foi acusado do crime e fuzilado.

**Manuel de Lucena:** Mas o senhor coronel não teve mais nenhuma .... Na Guiné, nessa altura, só se ouviam rumores.

**Coronel Fabião:** O PAIGC dizia sempre a mesma coisa: foi o Barbosa, mais o Inocêncio Kami. Foram estes, foram presos, foram fuzilados. E depois daqui não saem. E também há o Sekou Touré.

**Manuel de Lucena:** O Senghor no Senegal, o Sekou Touré na Guiné e o Modibo Keita no Mali. Metidos nisso, homens de Estados africanos importantes, são esses três.

**Coronel Fabião:** São, são. [...]

*Depois de uma passagem praticamente incompreensível da gravação, o coronel Fabião passa a referir-se à sua actuação no Governo da Guiné depois do 25 de Abril.*

**Coronel Fabião:** Cheguei à Guiné com ordens do Spínola por causa do Congresso do Povo em que se ia oferecer a independência. E entretanto, no nosso sistema de transmissões, fomos interceptando mensagens do PAIGC, [dizendo]: «Começa a guerra, começa a guerra imediatamente».

*Aqui, nova passagem de audição difícil e de interpretação problemática, onde o coronel Fabião alude a um encontro entre Mário Soares e Aristides Pereira - sem revelar sobre que versou e onde<sup>9</sup> - refere negociações por si entabuladas com o PAIGC mas dificultadas*

---

<sup>9</sup> Sobre este encontro de Mário Soares com Aristides Pereira já melhor informação no Painel sobre a Guiné realizado em 1996 e em que participaram o general Mateus da Silva, o dr. José Manuel Barroso e o coronel Matos Gomes (v. supra).

*pelo clima (que impediu interlocutores de viajar) e interrompidas quando voltou a correr na Guiné que Spínola ia visitar o território.*

**Coronel Fabião:** E então a rádio [do PAIGC] dizia assim: «Portugueses continuam com manobras. Se Spínola chega à Guiné, começa a guerra imediatamente». [...] A história final, na Guiné, são os ultimatos sucessivos que o PAIGC nos fazia: «Olhe, amanhã tem de fazer isto, senão ...».

*Segue-se o relato muito confuso (dadas, por um lado, as dificuldades de audição e, por outro, o emaranhado de situações sumariamente descritas) de tentativas de negociação e outras «démarches» do senhor coronel em prol da paz: primeiro frustradas e que depois terão contribuído para o fim da guerra.*

**Coronel Fabião:** E pronto, acabou aquela guerra. Mas aquilo fez pena, numa parte final. Saber a quantidade de malta que morreu ou que se destruiu. Quando acabou a guerra, os soldados dos dois lados caíram nos braços uns dos outros. Só quem lá estava e viu é que pode imaginar. Uma verdadeira loucura! Não havia ódio nenhum naquela gente e tinham andado para ali a matar-se.

**Luís Salgado de Matos:** Como é que começam os massacres? Quem é que dá ordem?

**Coronel Fabião:** A ordem não existia. O outro indivíduo, no rádio que mandou, diz que os massacres iam começar na 6ª feira.

**Luís Salgado de Matos:** Estava a referir-me a outra coisa. Quando nós saímos, definitivamente, depois o PAIGC procedeu lá a umas matançazinhas.

**Coronel Fabião:** É muito mais tarde. Eu telefonei para lá e quis saber [...]. Não havia nada a fazer, porque os gajos foram espertos. O 11 de Março não foi só em Portugal – foi também na Guiné. «Estamos em cima dos culpados, já apanhámos não sei quantos», [disseram]. Os tipos aproveitaram o 11 de Março de cá.

**Luís Salgado de Matos:** E quem é que matou quem, na Guiné?

**Coronel Fabião:** Sei que limpavam a maioria dos comandos, um grande número de comandos. Agora, quem foi ...

**Manuel de Lucena:** E o que é que aconteceu às milícias, aos homens das milícias?

**Coronel Fabião:** Tem três sítios para os encontrar: uns, debaixo de terra; outros, no Rossio; e outros estão lá na terra deles.

**Luís Salgado de Matos:** E há algum critério que permita separar uns dos outros?

**Coronel Fabião:** Penso que não.

**Luís Salgado de Matos:** Podia ser por tribos. Podia ser: os mortos eram da tribo X, no Rossio, da tribo Y; na terra deles, da tribo Z ...

**Coronel Fabião:** Isso não sei.

**Manuel de Lucena:** Na conversa que tivemos com o brigadeiro Monge e com o embaixador Nunes Barata, um deles contou que a negociação em Argel, a certa altura, foi travada ou caiu num impasse porque o PAIGC insistia em que a independência de Cabo Verde fosse declarada ou reconhecida imediatamente, junto com a da Guiné, enquanto Portugal queria um processo cabo-verdiano separado, como acabou por ser. Então, o dr. Mário Soares [chefe da delegação portuguesa] teve de vir a Lisboa falar com o general Spínola. E o general ter-lhe-á dito que, caso o PAIGC se mantivesse intransigente, a nossa delegação, de volta a Argel, chegava lá e declarava: «Sim senhor, então não há acordo mas nós vamos retirar-nos da Guiné e daqui a quinze dias toda a nossa tropa terá saído de lá». Mário Soares terá perguntado a Spínola se isso podia fazer-se [tão depressa] e Spínola terá respondido: «Não, mas eles não sabem». [Essa ameaça], quando o dr. Soares voltou a Argel, terá sido [feita] ao PAIGC, que acabou por ceder e por aceitar a separação dos dois processos. Aqui está, segundo algumas pessoas, o grande receio que o PAIGC tinha de Portugal se retirar, ficando eles frente aos comandos e a toda a tropa negra que nós lá tínhamos, que lhe não era favorável.

**Coronel Fabião:** Não eram muitos, mas o PAIGC também não aceitava tropa armada. Aí, há uma certa ... Isso não está totalmente como foi. Quem sabe muito bem essa parte é o almirante Almeida d'Eça, porque o Spínola nunca me deixou mandar na descolonização – esse foi o maior disparate da vida dele. [...] Na Argélia tivemos a sorte de ter o ministro dos Negócios Estrangeiros da Argélia, que era muito nosso amigo, ajudou imenso. Já tínhamos perdido uma hipótese e estávamos a perder outra. E ele [Spínola] não sabia quem é que havia de mandar. E, nessa altura, lembrei-me de que o almirante fazia parte do staff. E o Spínola deixou ir o almirante, que já não era tão perigoso como eu. Aliás, o mais perigoso comunista era o José Manuel Barroso.

*Risos.*

**Manuel de Lucena:** Eu estou a dizer-lhe isto, porque estive a reler o testemunho do coronel Florindo Morais. E o coronel Florindo Morais foi o último comandante dos comandos negros. E o que ele diz é que, perante a situação que se veio a criar de animosidade, foi preciso desarmá-los. E contou-nos que, para os desarmar, arranjou um processo de pseudo-mudança de quartéis, mudança de quartéis em que dentro dos armários foi grande parte do armamento deles. Quando [deram por isso], estavam com poucas armas e menos munições. Foi um elemento de pressão muito grande para que eles viessem às boas. Entretanto, o PAIGC também lhes fez promessas de reclassificação no exército nacional. Esta é a história contada pelo coronel Florindo Morais, que dá a ideia de um problema grande, que poderia representar essa tropa se lá tivesse sido deixada, de repente, por nós, armada e municada.

**Coronel Fabião:** Era um sarilho internacional para nós. Porque um tipo não pode deixar uma nação e deixar lá ficar o armamento. É possível, é uma ideia, o Florindo Morais entrou já quase na parte final. O Florindo Morais ainda enfiou um barrete, porque assinou um papel em nome dos comandos. O PAIGC soube, fez um barulhão dos

antigos. O PAIGC, durante muito tempo (e agora entra a parte final do Golias) ... a minha arma era dizer-lhes: «Eu retiro amanhã» ou «Eu retiro depois de amanhã».

**Manuel de Lucena:** Ai o senhor coronel também lhes fazia isso!

**Coronel Fabião:** Era. Simplesmente aconteceu uma coisa. Houve um dia em que eles [disseram]: «Os senhores podem retirar até ao dia tantos de tal». E o Golias depois explicou-me, acho que ele tinha razão nisso: eles (o PAIGC) aguentaram aquilo durante um determinado período, mas não podiam ir muito mais longe, porque eu (devem-lhe ter contado) não deixei nunca entrar tropa armada dentro de um sítio onde houvesse tropa portuguesa. Portanto, no momento em que eles não podiam entrar em Bissau, estavam à volta de Bissau, estavam à volta de toda a parte, mas estavam sem o poder autêntico. O poder estava em Bissau. A partir de certa altura, estavam mais tempo aqui [em Portugal], e realmente já tinham uma data de ministros em Bissau, já tinham uma série de coisas ...

**Manuel de Lucena:** Mas quando o senhor coronel lhes dizia «vou-me embora depois de amanhã ou para a semana», eles ficavam muito atrapalhados.

**Coronel Fabião:** Era a única coisa que os travava.

**Luís Salgado de Matos:** Podia não ser melhor, de facto, serem travados por isso. Não chega para dizer que eles receavam os nossos comandos negros. Por ser por «n» razões.

**Coronel Fabião:** Sabe quem é que ganhou a guerra da Guiné, já na fase final? Foi a CUF. Nas antevésperas de eu sair de lá, eu sou o Governador português, a CUF mandou uma delegação falar com o PAIGC, em Bissau. Pediram-me transporte, não me foram cumprimentar, e saíram de lá com acordos firmados com o PAIGC - um não sei quê Henriques, delegado do grupo para África.

**Manuel de Lucena:** O que é que o senhor coronel pensa da ideia do livro do António Duarte Silva, que diz que o modelo da descolonização portuguesa é dado pela descolonização da Guiné. Com



algumas variantes, consoante os territórios, porque não se podia fazer exactamente igual em toda a parte, mas basicamente o modelo é esse. E que a coisa é feita com os ultimatos que saem do MFA da Guiné para a metrópole, dizendo que a tropa da Guiné só aceita o reconhecimento imediato, não apenas do princípio da autodeterminação, mas da independência, o reconhecimento de um só movimento (Angola é a excepção) em todas as colónias como o único representante [do respectivo povo] e o princípio de que se [realize] a transferência de poderes através de um processo relativamente curto. Ele diz que isso nasce e é formulado com bastante clareza na Guiné. Cita, inclusivamente, uma longa moção desse grande plenário (que eu há bocado disse que era de 8 de Agosto, mas que talvez seja de Julho) em que estes pontos vêm com grande precisão. Uma moção muito comprida que, em parte, é a transcrição das reivindicações do PAIGC.

**Coronel Fabião:** Eu vou dizer-lhe uma coisa: esse plenário e essas coisas que você tem aí tiveram uma importância relativa. Na minha maneira de ver o documento é um documento muito bem elaborado pelo Barros Moura, se não me engano (pelo menos fazia parte da equipa), em que eles vão utilizar a pressão sobre Lisboa para apressar os factos. O documento inicial, que não tem nada a ver com isto, levou o PAIGC aos arames. Na reunião seguinte que o PAIGC tem comigo diz assim: «Voltando ao antigo da questão, eu tenho uma coisa a dizer-lhe. Aquele documento que vocês elaboraram diz tudo quanto nós queremos».

**Manuel de Lucena:** Esse é o do Barros Moura?

**Coronel Fabião:** É o tal comprido. «É aquilo que nós queremos.»

**Manuel de Lucena:** E isso foi uma pressão, cá?

**Coronel Fabião:** Sobre cá.

**Manuel de Lucena:** Aqui põe-se logo a questão. Há quem diga que aquilo tinha de ser aceite senão a tropa não estaria utilizável. Porque um ultimato é mesmo um ultimato para pôr o Governo ...

**Coronel Fabião:** Uma das [coisas] que fez com que a independência da Guiné fosse relativamente sossegada foi haver sempre tropa na Guiné. Não sei se me faço entender.

**Manuel de Lucena:** Não completamente.

**Coronel Fabião:** Havia tropa, eu dava uma ordem e era cumprida. Em Angola, até cuspiram sobre companhias. E eu cheguei à conclusão de que, sem ter um pedaço de força, não vale a pena submeter-nos a negociações e, de facto, era o colapso total. Portanto, eu agarrei, quando lá cheguei, agarrei na maioria dos comandantes que eram fraquinhos e mandei-os para Lisboa: «Gostei muito deste bocadinho, passem bem e vão-se embora». E fiquei com rapazes, praticamente da minha idade, que se portaram muito bem e aguentaram-me aquilo até à vinda embora.

**Manuel de Lucena:** Na altura, era tenente-coronel?

**Coronel Fabião:** Não, na altura era brigadeiro graduado.

**Manuel de Lucena:** Mas se Lisboa não tem aceite, e se nas negociações de Argel as coisas não se têm resolvido, a existência de um documento desses não era, para si, uma promessa de insubordinação a curto prazo?

**Coronel Fabião:** Não, não havia esse perigo.

**Manuel de Lucena:** Se, em Argel, Portugal não acedesse às propostas do PAIGC, apesar dessa decisão e desse plenário e dessa moção, desse documento, a tropa continuaria a obedecer?

**Coronel Fabião:** Excepto numa situação: é que se começa a haver mortos – ninguém aguentava aquilo.

**Manuel de Lucena:** Portanto, era um ultimato mesmo.

**Coronel Fabião:** O ultimato existia. Pode ser ou não ser aceite. O Spínola mandou-me uma carta, que eu tenho, com instruções, nessa altura, em Julho ou Agosto, em que ele me diz... [...].

*Segue-se uma digressão em que o orador se perde ao retomar factos atrás narrados. E queixa-se disso: «Tenho uma cabeça hoje...»*

**Manuel de Lucena:** Estava a dizer das instruções que tinha, numa carta que recebeu do general Spínola.

**Coronel Fabião:** Essa carta, exactamente. Eu a certa altura discuto todos os assuntos [com o delegado do PAIGC] que nos disse: «A população tem muito medo dos aviões». Eu disse: «Acredito que sim». «Tem muito medo dos aviões, portanto, uma coisa que eu peço é que vocês não voem». E eu disse-lhe: «Isso era o que faltava ...». «Então vamos fazer um mapa de indicação das zonas onde vocês podem voar e das zonas onde não podem» [disse ele]. Fizemos uma carta, aqui pode-se voar, aqui não pode. Eu dei ordens aos aviadores que não se voava mais naquelas zonas. Venho a certa altura a Lisboa por causa de um assunto qualquer a tratar com o Spínola, que acabei por não tratar, porque no dia em que eu cheguei morreu o sogro dele e ele disse para me mandarem embora. E a certa altura, o Spínola manda-me um oficial com uma carta. O oficial desce do avião, entrega-me a carta, volta para o avião e vai-se embora. Ah, esse oficial era da Força Aérea, adjunto do Diogo Neto<sup>10</sup>. Nesse dia em que eu vim cá a Lisboa, ele foi a Bissau. E, como aviador que é, achou que era engraçado andar de avião. Meteu-se no avião e voou por todos os sítios. À noite, havia protestos do PAIGC: que faziam e aconteciam, porque eu não tinha cumprido o que tinham combinado connosco e tal. E ele [Spínola] diz assim: «Aqui há três hipóteses: ou criamos um Vietname, ou criamos uma Coreia» ou não sei quê – eram assim três coisas, três guerras. «E você trata do assunto, mete as suas unidades todas dentro de meia dúzia de quartéis escolhidos, e adiante». Mande uma carta ao Spínola a dizer: «Eu isto não faço, não pense. E vou-me embora». O Spínola sabe e manda-me [uma] carta pessoal: «Não se ofenda, isto é prova do grande patriotismo do general Diogo Neto, ele não queria isto, você é que fica encarregado de tudo. Olhe, e para já, arranje-me aí um congresso para eu entregar a Guiné». É a 2ª ou 3ª hipótese de congresso. E lá volta a

---

<sup>10</sup> General Diogo Neto, membro da Junta de Salvação Nacional.

mesma história: o PAIGC sabe [e diz] «os tucas continuam com manobras», «se aparecer aqui o Spínola começa a guerra imediatamente.»

**Manuel de Lucena:** Essa carta, diz o senhor coronel, tinha vários pontos. Tinha o ponto do congresso e tinha outros. Quais eram?

**Coronel Fabião:** Portanto, um era esse do congresso.

**Carlos Gaspar:** A ideia era entregar a Guiné ao PAIGC ou entregar a Guiné a um congresso guineense?

**Coronel Fabião:** Isso está bem visto, mas era realmente entregar ao PAIGC, porque já não havia [mais] hipótese nenhuma. Nós já éramos, naquele momento, um pedinte. Mas com a roupa bem puxadinha, que era para disfarçar.

**Carlos Gaspar:** Quantos homens tinha?

**Coronel Fabião:** Lá? Já não me lembro.

**Carlos Gaspar:** Mas controlava militarmente, porque controlava a capital ...

**Coronel Fabião:** Nós fizemos o seguinte: de combinação com o PAIGC, eu fiz um mapa da entrega. O Spínola não queria entregar-lhes (isso foi outra guerra que houve para aqui): «Não entrega nada sem o congresso». Eu disse-lhe: «É bom a gente entregar uma ou duas [coisas<sup>11</sup>] para os gajos verem que a gente está com boa vontade. Sei lá quando é que há congresso!». O PAIGC disse: «Atacamos imediatamente, se o tuga Spínola chegar à Guiné ataca-se logo». Portanto, aquilo não era assim tão fácil.

**Carlos Gaspar:** Que território é que controlava?

**Coronel Fabião:** Então, fiz uma mapa grande, em que punha as zonas onde se podia voar e as zonas onde não se podia voar. O nosso amigo Neto voou-me por cima das áreas proibidas. O PAIGC estava furioso e disse que eu tinha quebrado as combinações, etc.... Perdi o fio à meada.

---

<sup>11</sup> Aqui, o coronel Fabião alude, provavelmente, a dois ou três quartéis dos acima referidos.

**Carlos Gaspar:** Eu estava a perguntar-lhe que controlo territorial é que tinha na Guiné, que controlo militar.

**Coronel Fabião:** Ah! Já sei, fiz um mapa grande [...] às tantas estava tudo indicado e aquilo era feito sempre da mesma maneira. O PAIGC mandava uma força dele, formava junto à bandeira portuguesa, entrava depois a força do PAIGC, punha-se junto à força portuguesa, depois iam apresentar armas, tocava a defuntos para os dois lados, baixava-se a bandeira, eles entravam para uma camioneta, iam-se embora e ficava o PAIGC. Com algumas anedotas como é costume, é inevitável.

**Carlos Gaspar:** Portanto, o seu dispositivo militar ia recuando em direcção às cidades, da fronteira para o litoral. Quantos homens tinha durante a retirada?

**Coronel Fabião:** Na Guiné? Não faço a mínima ideia, podia dar-lhe um número qualquer que não corresponderia à verdade.

**Carlos Gaspar:** E o PAIGC, quantos é que tinha?

**Coronel Fabião:** Cinco mil.

**Carlos Gaspar:** Cinco mil. São unidades armadas e com um mínimo de enquadramento?

**Coronel Fabião:** Sim. Cinco mil ao todo. Tem aspectos que nos fogem às vezes. Eu cheguei lá e quis falar, quis negociar com o tipo do PAIGC. Estava em Bissau, a cidade cheia de turras, vi-me aflito para arranjar um PAIGC dentro da cidade de Bissau. E o único que eu encontrei, depois de muitas pesquisas, não se atreveu a tomar nenhuma decisão e disse: «Isso é com o partido». Não deu ajuda nenhuma.

**Manuel de Lucena:** O delegado foi esse Araújo que disse? O homem que esteve sempre em contacto consigo quando esteve em Bissau.

**Coronel Fabião:** Não, não, não. O gajo que esteve sempre em contacto comigo chamava-se Juvêncio. Um nosso camarada teve uma vez uma cena com ele e chamou-lhe Jumêncio.

**Manuel de Lucena:** Qual foi a impressão que o senhor coronel teve da implantação do PAIGC na Guiné, da ligação do PAIGC com as populações? Grandes diferenças, segundo as tribos e os territórios?

**Coronel Fabião:** Há diferenças consoante as tribos, com certeza. Consoante os territórios não deu possibilidade de a gente ver. Na carta que eu escrevi ao Spínola, disse-lhe: «Não venha à Guiné, de maneira nenhuma, porque nem eu, nem o pessoal que está comigo estão dispostos a ver o seu chefe enxovalhado, e o senhor, quando aparecer no congresso, não vai se aplaudido. Quem vai ser aplaudido é o Aristides Pereira. Portanto, por favor, não venha cá.» Ele não ligou nenhuma, mas também não foi. O comandante militar, o Galvão [General Galvão de Figueiredo], que já morreu há uns anos, foi ter comigo e disse: «Diga ao general para não pôr aqui os pés. Quando ele estiver cá, nós estamos reunidos. O pessoal não aceita uma situação destas». E era verdade.

**Manuel de Lucena:** Um ponto que, para mim, ainda não ficou muito claro, é quando é que a população percebe que o poder mudou. O que leva a população, em Bissau, a dizer: «Agora não são os portugueses, o exército português, quem tem a força, a potência emergente é o PAIGC»? Quando é que isso se passa, e porquê? Quais são os sinais?

**Coronel Fabião:** Quando eu cheguei a Bissau, a 7 de Maio se não estou em erro, já se tinha passado. Chegavam lá os jornais da metrópole e, à medida que os jornais chegavam, era o pandemónio. Os jornais diziam: «Greve não sei onde», «Barulho não sei onde». E os tipos repetiam lá. Tinha essas greves, tinha essas cenas, sobretudo nos estivadores. E pronto, lá se foi aguentando aquilo, mais ou menos. Ah, a população virou-se toda contra nós logo que se deu o 25 de Abril. E porquê? Isto é verdade, contaram-me eles. Porque eles tinham de conquistar lugares antes de a gente sair e entrarem outros. Por exemplo, você era segundo oficial. Fazia uma greve aqui para ser primeiro-oficial quando eu chegasse. E eu ficava

com a obrigação de o ter como primeiro-oficial. E havia os vencimentos. Um gajo ganhava 500\$00 e dizia: «Estes diazitos que temos aqui dá para aumentar para 600\$00». Portanto, havia uma onda de reivindicações salariais (e de postos) imparável. Sobretudo no cais. Mandeí lá um dia um dos meus oficiais, que era um tipo mais alto que eu, tinha uma grande cabeça, com uma data de estivadores à volta a berrarem alto, e o gajo berrava mais alto que eles.

**Manuel de Lucena:** O senhor coronel, quando chega, em que altura exacta é que chega a Bissau como governador?

**Coronel Fabião:** A 7 de Maio.

**Manuel de Lucena:** E já encontra tudo virado.

**Luís Salgado de Matos:** A população guineense, os aborígenes, percebia a trapalhada que estava a acontecer na metrópole? Ou não?

**Coronel Fabião:** A mola real eram os jornais que chegavam.

**Luís Salgado de Matos:** Mas podia ser só para a nossa tropa.

**Coronel Fabião:** Não, não, a tropa tinha o mínimo de ... As [nossas tropas], a certa altura, começaram a temer que com a revolução desaparecessem empregos, desaparecessem coisas, portanto, tinham pressa de voltar para Portugal. Mas era para marcar lugar na revolução.

**Manuel de Lucena:** Eu estive a reler os depoimentos de várias pessoas. O brigadeiro Monge dizia que, na tropa, o fundamental se passa a partir de 1970-1971. Ele diz: «Sabe, quando se entra na quarta comissão no ultramar, as coisas começam a ficar muito duras para muitos oficiais». Não era a questão do emprego cá. Era a questão de eles estarem fartos. A mim um major em Cabo Verde, quando lá cheguei, contou-me: «Quando eu cheguei a Lisboa e entrei no quarto do meu filho ele tinha lá um poster do Amílcar Cabral». E já era a quarta ou a quinta comissão dele e já tinha tentado uma vez levar a família para Angola [com maus resultados]. Com esta série de sarilhos, parece-me que a tropa quer voltar, está farta, [digo] os oficiais do quadro.

**Coronel Fabião:** A tropa estava farta e queria-se vir embora. Uma das chatices grandes que eu tive foi segurar a tropa. E, nesse aspecto, o Barros Moura foi bestialmente útil para nós, porque sabia manusear massas, massa humanas, claro.

**Manuel de Lucena:** O António Duarte Silva fala mesmo em descolonização por conta própria. Diz que o MFA da Guiné impôs a descolonização da Guiné. É a tal questão do ultimato de que falámos há bocado: «isto tem de ser assim, como nós e o PAIGC estabelecemos. Por conta própria, quer dizer, feita entre os oficiais do MFA e [elementos] do PAIGC, por assim dizer no terreno. Não quer dizer que o PAIGC [local] não contactasse com a sua direcção, mas [resolveu-se] ali. E depois o acordo de Argel foi a ratificação daquele a que, no terreno, se tinha chegado.

**Coronel Fabião:** No terreno não teve a ver com o MFA. O PAIGC fez-me uma proposta, a mim, dizendo que as negociações iam ser demoradas e que estava a morrer gente, portanto, ia-se fazer um cessar-fogo no terreno. No Cantanhês, fizemos as tais reuniões e aí é que se acordou tudo. Foi assim. Lembro-me perfeitamente, se não me engano, de que esse documento ... Eles disseram-me logo na altura: «Não pense mais. É isto que nós queremos».

**Manuel de Lucena:** Mas isso foi apoiado pelo tal plenário de oficiais.

**Coronel Fabião:** Foi aprovada lá em cima, esta moção do Cantanhês. Estas coisas foram realmente ratificadas ou não ratificadas, aprovadas ou não aprovadas. Esse documento foi praticamente o Golias que o fez e o [Barros Moura?].

*O passo seguinte desta gravação ouve-se mal e mal se entende. Parece até contradizer em certa medida o que precede.*

**Manuel de Lucena:** Quando o senhor coronel chega logo a seguir ao 25 de Abril, quem prendeu o general Bettencourt Rodrigues até foi o MFA do general Mateus da Silva. Fica lá até quando, Mateus da Silva?

**Coronel Fabião:** O Mateus da Silva veio-se embora.



**Manuel de Lucena:** Veio embora quando o senhor coronel chegou? Portanto, já não tinha nada a ver. Daí para a frente ... quem era o MFA, lá?

**Coronel Fabião:** Ficou com o MFA um tipo ... como é que ele se chamava? Era tenente coronel, engenheiro, também. E depois fiz um jantar de despedida ao Mateus da Silva e condecorei-o com a medalha de serviços distintos na Guiné.

**Manuel de Lucena:** O Pinto Soares também esteve na Guiné?

**Coronel Fabião:** Não.

**Carlos Gaspar:** Senhor coronel, no Cantanhês, finalmente, o que é que ficou acordado? Quem é que estava do outro lado?

**Coronel Fabião:** Estava o José Araújo.

**Carlos Gaspar:** Não estava nenhum militar?

**Coronel Fabião:** Estava – era a parte cómica. Estava aquele gajo muito alto que jogava basquete. Constantino, não era?

**Manuel de Lucena:** E o senhor coronel foi a esse encontro com quem? No Cantanhês quem é que o assessorava?

**Coronel Fabião:** Ia eu, ia o meu ajudante, que era o Faria Paulino, ia o Almeida d'Eça, ia mais gente ... Ia um tipo que foi indispensável na Guiné nessa altura, o comandante Patrício, da Marinha.

**Manuel de Lucena:** O Barros Moura ainda lá estava nessa altura?

**Coronel Fabião:** Estava.

**Manuel de Lucena:** E não tinha nada a ver? Era da comissão do MFA, ou não?

**Coronel Fabião:** Era da comissão do MFA. Desviou-se um bocado porque eu o tinha nomeado para os sindicatos, que era a especialidade dele. Mas não resistiu e foi para a parte política.

**Manuel de Lucena:** Quem é que estava na comissão do PAIGC quando saiu o Mateus da Silva e creio que também o José Manuel Barroso?

**Coronel Fabião** (irónico): O José Manuel Barroso foi logo mandado embora por ser um perigoso comunista.

**Manuel de Lucena:** Quem é que lá ficou no MFA, nessa altura? Quem é que era da comissão?

**Carlos Gaspar:** Eram o Golias, o Galvão da Força Aérea, o Bouza Serrano da Marinha.

**Coronel Fabião:** Havia mais, estava a ver se me lembrava.

**Manuel de Lucena:** O Golias não foi a esse encontro no Cantanhês?

**Coronel Fabião:** Acho que não.

**Manuel de Lucena:** Portanto, no encontro do Cantanhês, se bem entendo, há uma nítida separação entre o Governo, que é quem vai, e o MFA, que é quem não vai. Nenhum destes do MFA está no Cantanhês.

**Coronel Fabião:** Aí a coisa começa ... O do PAIGC, logo de entrada, disse: «Isto não são negociações. Negociações fá-las-á o meu partido com o vosso Governo. Vamos só arranjar maneira de não estar gente a morrer.»

**Carlos Gaspar:** Era um acordo para cessar as hostilidades.

**Coronel Fabião:** Exactamente.

**Carlos Gaspar:** Em que era preciso estabelecer linhas de demarcação.

**Coronel Fabião:** Claro que isto, como todas as coisas, não é toda a verdade. Porque nós discutimos o dinheiro, discutimos o Banco, discutimos ...

**Carlos Gaspar:** Não, isso não é um acordo de separação, feito pela tropa.

**Manuel de Lucena:** Que mais é que discutiram, além do dinheiro e do Banco?

**Coronel Fabião:** Sei lá, muitas mais coisas.

**Manuel de Lucena:** Mas voltando à minha pergunta: o MFA não está no encontro do Cantanhês?

**Coronel Fabião:** Está o Faria Paulino, por exemplo.

**Manuel de Lucena:** O Faria Paulino, sim. Mas fazia parte da comissão do MFA? O senhor coronel também era do MFA.

**Coronel Fabião:** Pois, mas o problema do Faria Paulino é que o Faria Paulino sé entrou nesta ...

**Manuel de Lucena:** Foi lá enquanto seu adjunto.

**Coronel Fabião:** Foi lá enquanto meu ajudante de campo.

**Manuel de Lucena:** Mas, nesse sentido, não enquanto membro do MFA. Não era membro da comissão.

**Coronel Fabião:** Não sei se ele ainda era ou já não era. O ajudante de campo do Mateus da Silva era o libanês que agora é coronel do Exército, não me lembro do nome dele. E eu, quando cheguei, escolhi o Faria Paulino para meu ajudante. Não sei se o Sousa Pinto não será outro, mas não me lembro agora, se calhar não foi. Ah, não, de certeza que foi o Morgado.

**Manuel de Lucena:** O Sousa Pinto é aquele oficial de cavalaria que em 1975, no Estado Maior do Exército, parecia que ia fazer uma história do MFA.

**Coronel Fabião:** Esse é dos que pode escrever à vontade. Esse sabe tudo. Esteve na Guiné, pertenceu aos primeiros do MFA. Quando eu cheguei, foi para meu ajudante de campo, quando eu estive aqui para ser chefe de Estado-Maior, foi meu ajudante de campo também. E agora é o governador militar de Lisboa.

**Manuel de Lucena:** Falou aqui várias vezes e deu-nos um ou dois exemplos da importância do [então] capitão Golias. O que fazia ele exactamente lá? Qual foi a importância dele?

**Coronel Fabião:** Vamos lá ver, o Golias é um tipo perfeitamente politizado e que, quando seguiu para a Guiné, já ia catequizado.

**Manuel de Lucena:** Ele foi já na sua última vez?

**Coronel Fabião:** Ele era a pessoa que eu ouvia sempre antes de tomar qualquer decisão. Não quer dizer que depois seguisse o que ele me dizia. Toda aquela *entourage* que eu tive depois falhou-me. Um que nunca tive lá foi o Melo Antunes. Naquele tempo, eu seria um *melo antunista* dentro dessas negociações. O Melo Antunes era um indivíduo com uma formação política grande, que eu não tinha, e

ajudava-me bastante, de determinada maneira. Não estava [com ele] todos os dias, nem todas as semanas – não podia, tinha outras funções. E o Golias era outro que eu ouvia sempre, mas ao Golias, de quem eu gostava imenso (e que neste momento deve estar muitíssimo mais desenvolvido, digamos assim) faltava-lhe ligeiramente uma coisa, que era experiência. Era um indivíduo que lia muito, reflectia muito. Eu gostava imenso dele, era um indivíduo com uma capacidade e de uma lealdade extraordinárias, depois afastou-se.

**Manuel de Lucena:** E na Guiné, o que é que ele fazia?

**Coronel Fabião:** Esta gente quase toda ... O Golias, o Mateus da Silva, etc., eram indivíduos simpatizantes com o MES, que era uma coisa que, como se sabe, não tinha viabilidade nenhuma.

**Carlos Gaspar:** Era isso que eles diziam na altura?

**Coronel Fabião:** O Melo Antunes era um indivíduo extraordinário.

**Manuel de Lucena:** E o Golias, na Guiné, que funções tinha?

**Coronel Fabião:** Era oficial de transmissões na engenharia.

**Manuel de Lucena:** Foi um dos da primeira comissão do MFA? Era da comissão do Mateus da Silva, portanto.

**Coronel Fabião:** Era, era.

**Luís Salgado de Matos:** O Golias continua no Exército?

**Coronel Fabião:** Não, o Golias agora é presidente de uma empresa. Mas o Mateus da Silva não falou no Golias?

**Manuel de Lucena:** Não o fiz exaustivamente, mas estive a reler um bom bocado dos depoimentos e ele não aparece<sup>12</sup>. Aliás, creio que quem veio à reunião que tivemos com Mateus da Silva foi o José Manuel Barroso. E veio o coronel Florindo Alves, que era o homem dos comandos.

**Coronel Fabião:** Agora é professor catedrático em Economia.

**Manuel de Lucena:** Nós até ficámos de conversar outra vez com o coronel Florindo, porque ele começou a contar a história das tropas

---

<sup>12</sup> Erro. Relendo os ditos depoimentos (v. supra), verifica-se que há neles várias referências a este oficial.

que comandou, e depois história anterior, mas nunca chegámos a falar outra vez.

**Coronel Fabião:** E agora não sei se [...]. É que o Mateus da Silva e o Golias eram unha com carne.

**Manuel de Lucena:** Olhando para trás, o senhor coronel, quando chega à Guiné, em que altura é que percebe que as posições do general Spínola se tornam irrealistas? Porque o senhor coronel, por um lado, tem uma grande admiração pelo general e acredita muito no que ele fez até certa altura, e depois acha que aquilo já não estava dentro da realidade. Quando é que percebe ...

**Coronel Fabião:** Vou dizer-lhe uma coisa. Eu considero o general Spínola um dos mais ... eu não digo o melhor general que vi num cantinho aqui pequenino, considero-o um general fora de série, [mas] um político muito mau, sobretudo porque é teimoso. Com duas agravantes: tem uma faceta Guiné e uma faceta Lisboa. Na Guiné tem um grupo de miúdos – eu e os outros – que o empurram. A gente fartou-se de o empurrar, depois, claro. Quando vem para cá, nós, dado o antecedente, continuámos a tentar empurrá-lo para determinadas coisas a que ele resiste sempre. Ele não sabia como é que estava a Guiné e mandou-me quinze mil retratos para eu colar pela Guiné fora. Essa vocês sabem – foi falada. E diz assim: chega lá e faz rapidamente isto. Cheguei lá e, quando era para fazer, [pensei]: «Tu és maluco? Aqui não fazes nada!» O PAIGC, quando ouviu falar [nisso], disse logo: «Começa a guerra». E ele depois andou a dizer mal de mim, o Spínola, dizendo que eu o traí porque não fiz o congresso. Mais tarde, esqueceu-se do congresso. O que tem graça é que eu fiquei contra o congresso quando os tipos do PAIGC disseram: «Então vocês perderam a guerra e agora querem ganhá-la à custa de um congresso?» E nós dissemos: «Têm razão, realmente eu também não estaria interessado em fazer um congresso a dizer tão bonzinho que é». E eu até disse [ao general]: «Olhe lá, e se o senhor ganha o

congresso? Como é depois?» Não havia hipótese nenhuma – continuava a guerra.

**Manuel de Lucena:** Portanto, para si, a grande oportunidade perdida foi quando Marcello Caetano bloqueou as negociações.

**Coronel Fabião:** Nós não tivemos hipótese melhor, na fase final. É que naquele momento a gente ia negociar em [posição de] força.

**Manuel de Lucena:** A descolonização a 10 anos.

**Coronel Fabião:** Pois. E negociar em [posição de] força.

**Luís Salgado de Matos:** Que ideia de manobra é que tinha o general Bettencourt Rodrigues quando para lá foi?

**Coronel Fabião:** Não sei detalhes. Do general Bettencourt, não sei.

**Luís Salgado de Matos:** Mas ele ainda chegou a fazer um congresso do povo, não chegou?

**Carlos Gaspar:** Senhor coronel, o tema do congresso foi discutido repetidamente entre o senhor e o Spínola?

**Coronel Fabião:** Não, não, não, nenhuma vez. Só a carta e um telefonema [...] a dizer: «Faça isso!».

**Carlos Gaspar:** Por carta e por telefone.

**Coronel Fabião:** E, pessoalmente, na véspera de eu embarcar para a Guiné, [mas] nessa altura estava tudo bem ainda, porque eu não sabia o que ia encontrar.

**Carlos Gaspar:** No dia 7 de Maio.

*O Coronel Fabião refere-se aqui a uma conversa com o general Mateus da Silva na qual este lhe terá dito que no seu discurso à chegada evitara evocar o slogan do general Spínola [Por uma Guiné melhor<sup>13</sup>] e o terá aconselhado a fazer o mesmo: «Vais falar na Guiné melhor aqui? Olha que essa malta está toda ...».*

**Coronel Fabião:** Lá fui eu falar com uns e com outros e dizer: «Eh! pá, enganei-me – era numa Guiné ...». Já não me lembro, foi qualquer coisa que eu inventei na altura. «Eh! pá, toma cuidado com

---

<sup>13</sup> Por lapso, o coronel Fabião, neste diálogo, referiu-se a «uma Guiné maior».

o que dizes ...». E depois, o Spínola dizia-me: «Vou mandar fotografias». E eu: «Não mande».

**Manuel de Lucena:** Depois o senhor coronel fica até?

**Coronel Fabião:** Até ao fim.

**Manuel de Lucena:** O último a sair foi o almirante Eça, que tratou depois de coisas e veio depois de si, não é?

**Coronel Fabião:** O Almeida d'Eça é como muitos oficiais da Marinha, um tanto espectacular, gosta das coisas feitas com uma certa grandiosidade. O barco encostou, ele marchou até ao barco e entrou. Eu não estava interessado em vir no barco.

**Manuel de Lucena:** Veio de avião.

**Coronel Fabião:** Eu vim de avião. No último avião.

**Manuel de Lucena:** Quando eles dizem: «Vocês [com o congresso querem] ganhar a guerra que perderam», esse «perderam» é fundamentalmente o reconhecimento da independência da Guiné por oitenta e não sei quantos países. Isso é que era fundamental. As regiões libertadas era propaganda.

**Coronel Fabião:** Vamos lá ver. Pode-se chamar regiões libertadas ou não. Porque aquilo não é habitado. São florestas. Portanto, se eu for para lá, para o meio da floresta dizer «É minha», ninguém está lá para ... Se eu não for lá, também não quer dizer que o inimigo esteja lá.

**Manuel de Lucena:** Quer dizer, população estável ...

**Coronel Fabião:** Exacto, não tinha. Para mim só conta desde que [tinha]. Vamos à Conferência de Berlim, que exige uma presença física para um território pertencer a alguém. Aqueles territórios que não tinham ninguém não eram de ninguém. Eles reivindicam como deles toda a área marcada. Podem ter razão porque neste momento ninguém vai tirar quadradinhos de território.

**Manuel de Lucena:** Portanto, era fundamentalmente uma coisa de propaganda.

**Coronel Fabião:** Era.

**Manuel de Lucena:** Porque o que a propaganda do PAIGC dizia é que eram territórios administrados, com escolas, hospitais.

**Coronel Fabião:** Havia algumas áreas que tinham.

**Manuel de Lucena:** Mas móveis. Não eram áreas que eles tivessem ocupado estavelmente.

**Coronel Fabião:** Não, mas praticamente estavam sempre ocupadas, como eram os casos do Cantanhês e do Morés.

**Manuel de Lucena:** Essa zona do Cantanhês onde é, exactamente?

**Coronel Fabião:** É no sul, a norte de Catió. Agora, o que o outro disse é verdade. Ontem li no *Diário de Notícias*: houve uma operação, já na fase final, que deu sessenta e tal mortos nossos. Aquela coisa da guerra de África, que toda a gente dizia [que não se morria muito (?)]. Eu não estava lá. Nunca tinha ouvido falar naquilo.

**Manuel de Lucena:** Pois, mas depois de partir, já não ficou lá tropa portuguesa.

**Coronel Fabião:** Não, ainda eu lá não estava.

**Manuel de Lucena:** Portanto, foi antes do dia 8 de Maio?

**Coronel Fabião:** Não, durante a guerra. Na parte final da guerra, num ataque. Em Gadamael [os nossos] tinham de ir buscar água e tinham sempre mortos pelo caminho. Eu estive a ler aquilo, era uma coisa extraordinária.

**Manuel de Lucena:** Mas esses [sessenta e tal] mortos não foi uma barcaça que se virou?

**Coronel Fabião:** Não, essa foi outra coisa. Esqueci-me há bocado da Ilha do Como, que foi uma operação duríssima que a gente fez na Guiné, logo no início. Quando eu cheguei da primeira vez (primeira vez de guerra), já tinha sido a batalha de Como. Estiveram lá trinta e tal dias.

**Manuel de Lucena:** Eu tive um grande amigo que esteve na Guiné, de 1963 até 1965, como oficial miliciano, e que me disse que o que era terrível na Guiné, mesmo nas regiões onde não havia muitos ataques, era a conjugação do clima com a tensão de nunca se saber



quando é que ia haver um ataque. Estar no quartel ou no acampamento, à noite, e havia tiros, ouviam-se disparos e depois não se seguia nada. Não é que o PAIGC atacasse em força, mas entre o dia quente e húmido e depois as noites em que também não se dormia bem, isso chegava para estabelecer uma grande tensão e tornar aquilo bastante penoso. Mesmo onde não houvesse grandes combates.

**Coronel Fabião:** A gente na Guiné dizia que o clima era a melhor coisa da Guiné. Só quem o vive é que pode adivinhar. A gente está no quartel, e o quartel é atacado todos os dias, ou dia sim dia não, e um tipo habitua-se àquilo. De repente, o quartel começa a ser atacado de cinco em cinco dias e eu, a partir do terceiro dia, já não durmo. Já não durmo porquê? Porque *devia* ter sido atacado na véspera e não fui. E, às vezes, os tipos estão dez dias sem atacar. A partir do sexto ou sétimo, já ninguém dorme. *Tem* que haver um ataque, *tem* que haver. Se não for esta noite é a de amanhã. Se não é a de amanhã, é a outra. Mas *tem* que haver. E isso, psiquicamente ...

**Manuel de Lucena:** Pois. Foi isso mesmo que me disse o Nuno Cabral Basto, que aquilo era uma coisa que desgastava, dava cabo da saúde a um tipo. O senhor coronel quanto tempo é que lá passou, somando as várias comissões?

**Coronel Fabião:** Doze anos.

**Manuel de Lucena:** Dos quais, de guerra ...

**Coronel Fabião:** Oito e meio.

**Manuel de Lucena:** Parece-me que não tenho de o maçar mais. Assim que isto estiver transcrito nós mandamos-lhe para que dê o seu acordo, e para solucionar alguma dúvida que apareça, sobre nomes ou datas ...<sup>14</sup> Se estivesse de acordo, acabávamos aqui.

---

<sup>14</sup> Este programa não foi cumprido porque, entretanto, o coronel Carlos Fabião faleceu.